

# guerra americana

omar el akkad

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Ao meu pai*



Aquele que te castiga é aquele que tem de ser castigado.  
— *Kitab al-Aghani (O Livro das Canções)*

O meu povo escolhido é como uma ave cercada por aves de rapina.  
Chamem todos os animais selvagens, para que venham  
participar no festim!  
— *Jeremias 12:9*



# Estados Unidos, c. 2075



# Estado Livre do Sul, c. 2075





## PRÓLOGO

**E**m pequeno colecionava postais. Guardava-os numa caixa de sapatos, por baixo da cama do orfanato. Mais tarde, quando me mudei para a minha primeira casa, em Nova Anchorage, armazenei a caixa no fundo de um antigo bidão de petróleo, no barracão de ferramentas decrépito. Uma vez que passei a maior parte da vida a estudar a história da guerra, colecionar instantâneos do mundo de outrora, um mundo idealizado e sereno, trazia-me um certo equilíbrio.

Cheguei a pensar em livrar-me do bidão. Receava que alguém o visse, talvez um colega da universidade, e o entendesse como uma espécie de afirmação política petulante, à semelhança da ocasional bandeira secessionista, ou do *muscle car* esventrado juntos às casas do antigo país Vermelho — recordações impotentes da rebelião, marcas de um passado arruinado e ruinoso. Afinal de contas, sou sulista de nascença. E embora tenha chegado ao país neutro aos seis anos de idade e nunca tenha falado a ninguém da minha vida anterior, não podia excluir a possibilidade de que alguns dos meus colegas acreditassem que eu ainda possuía um pouco de rebeldia no sangue.

Os meus postais favoritos são os das décadas de 2030 e 2040, as últimas décadas antes de o planeta se ter virado contra o país e de o país se ter virado contra si próprio. Neles vemos imagens das grandes praias oceânicas antes de a subida das águas as terem engolido; imagens do Sudoeste antes de este ser reduzido a cinzas; fotografias das planícies do Midwestern, vastas e vazias sob o mais azul dos céus, antes de o Êxodo do Interior as ter enchido com os desalojados costeiros. Um lembrete visual da América que existiu na primeira metade do século XXI: pujante, vibrante, absorpta.

Lembro-me do primeiro postal que comprei, uma fotografia da velha Anchorage. A frente oceânica da cidade está coberta de neve fresca, a água pontilhada com gelo, o sol baixo atrás das montanhas.



Tinha seis anos quando vi o meu primeiro pôr do sol alaskiano. Estava no convés do esquife contrabandista, um menino georgiano tisonado do sol, um refugiado. Lembro-me de sentir os estranhos flocos brancos nas pestanas, o bater involuntário dos dentes — de sentir frio, pela primeira vez na vida. Vi o branco suspenso no ar, junto ao topo das montanhas, e pensei ter chegado ao fim do mundo vivo. Ao fim do movimento.

PERTENÇO ÀQUILO A QUE chamam a Geração Milagrosa: os nascidos entre o início da Segunda Guerra Civil Americana, em 2074, e o seu final, em 2095. Há quem alargue ainda mais essa definição, incluindo os nascidos durante a década da praga que se seguiu ao final da guerra. Este país desde sempre definiu as suas gerações de acordo com os conflitos que as deveriam ter matado, e a minha geração não foge a essa regra. Somos os poucos que escaparam à fúria dos bombistas homicidas e aos Pássaros de guerra; os poucos que foram escondidos em caves ou abrigos contra tornados, bem abastecidos antes que o Flagelo da Reunificação se espalhasse pelo continente. Os poucos que, pura e simplesmente, tiveram sorte.

Dediquei a minha carreira profissional ao estudo da guerra sangrenta que este país travou consigo próprio. Produzi trabalhos académicos e artigos para revistas, encabecei numerosos simpósios e oficinas. Estudei todos os documentos originais sobreviventes: relatórios do Congresso, narrativas orais, testemunhos lancinantes dos sobreviventes da praga. Reconstruí os acontecimentos infames do Dia da Reunificação, quando um dos derradeiros rebeldes do Sul conseguiu infiltrar-se na capital da União e espalhar a doença que mergulhou o país numa década de morte. Estima-se que tenham morrido onze milhões de pessoas durante a guerra, e quase dez vezes mais na epidemia que se seguiu.

Recebi inúmeras cartas de leitores e de críticos em relação a um sem fim de pormenores históricos — se os rebeldes eram de facto responsáveis por um determinado atentado bombista homicida; se o Massacre de Tal-e-Tal fora realmente tão mau como afirmam os propagandistas. Os meus ficheiros contam com centenas dessas correspondências, todas elas variações sobre o mesmo tempo: que eu, um estimado nortista de Nova Anchorage, um membro da elite do país neutro que nunca assistiu a um dia de combates reais, não faço ideia do que é a guerra.

Todavia, eu sei coisas que mais ninguém sabe. Sei-as, porque ela mas contou. E esse meu conhecimento torna-me cúmplice.

...

AGORA QUE ESTOU PERTO do final da minha vida, tenho vindo a inspecionar a miscelânea acumulada sobre a minha juventude. Encontrei recentemente esse primeiro postal que comprei. A fotografia foi tirada há mais de um século; tudo desapareceu, salvo o mar e as montanhas. Com o passar dos anos, Nova Anchorage, uma extensão de edifícios baixos e subúrbios abastados aninhada no sopé dos montes, chegou-se mais para o interior. As docas onde em tempos cheguei enquanto órfão de guerra desorientado foram elevadas e reforçadas repetidamente. E onde em tempos houve molhes de madeira existem agora plataformas modulares, concebidas para serem desmanteladas e reposicionadas com celeridade. As tempestades intensas chegam sem aviso.

Às vezes percorro a beira-mar de Nova Anchorage, além do molhe e do porto. É o mais perto que consigo chegar do ponto de desembarque original no país neutro sem alugar um barco de sucateiro. O meu médico diz que é bom andar com regularidade, e que devo tentar fazê-lo o mais possível, conquanto não me provoque dor. Imagino que seja a conversa que dá a todos os pacientes terminais, aqueles que há muito passaram do «Isto vai fazer bem» para o «Isto mal não faz».

Estar a morrer é uma coisa estranha. Durante muito tempo pensei que a minha vida fosse terminar repentinamente, quando a peste chegou ao país neutro, a norte, ou quando os Vermelhos voltaram a rebelar-se e mergulhámos numa nova explosão de fratricídio. Ao invés, fui condenado à mais banal das mortes, um excesso de células avariadas. Certa vez li que, segundo um ponto de vista bastante pragmático, um cancro moderadamente voraz é uma forma bastante decente de morrer — não se prolonga por anos de sofrimento, mas garante tempo suficiente para que se possa proceder às disposições necessárias, dizer tudo o que tem de ser dito.

HÁ ANOS QUE NÃO neva, mas de vez em quando, em finais de janeiro, o gelo espalha-se pelas janelas. Nesses dias gosto de me dirigir à beira-mar e ver a respiração a pairar. Sinto-me leve. Deixo de ter medo.

Chego-me à beira da plataforma e fico a observar a água. Penso em tudo o que foi levado, em tudo o que me foi levado. Às vezes perco-me a olhar o oceano durante horas, bem para lá do anoitecer, até chegar a outro tempo, a outras paragens: de regresso ao país Vermelho devastado onde nasci.

E é então que a vejo novamente, a elevar-se da água. Está exatamente como a recordo, um grande corpo bronzeado, as costas marcadas com cicatrizes pálidas, todas elas testemunho da tortura que lhe foi imposta, dos crimes secretos cometidos contra ela. Ela ergue-se, um monólito de carne renascida do ventre dilacerado da Savannah. E volto a ser criança, ainda dos meus pais e do meu lar, ainda por trair. Volto à casa junto ao rio, sou feliz, e ainda a amo. O meu segredo é que ainda a amo.

Esta história não é sobre guerra. É sobre desgraça.

**I**

**ABRIL, 2075**

**ST. JAMES, LUISIANA**



## CAPÍTULO UM

*N*a altura, eu era feliz.

O SOL ESPREITOU POR entre a procissão de nuvens e fitou o mar do Mississípi.

As águas costeiras imóveis eram pardas. A foz do mar estendia-se sobre os pântanos e alargava-se a cada ano, com a água a arrastar silte, areia e argila, até deixar instáveis as antigas plantações, fábricas de plásticos e caminhos de ferro costeiros. Antes que as construções desaparecessem de vez na água, os últimos habitantes do delta removiam todas as partes utilizáveis. A água ia engolindo a terra. A sudeste, a cidade de Nova Orleães, em tempos gloriosa, tornou-se um poço entre as paredes dos diques que a cercavam. Os ritos batismais de uma nova América.

Uma menina de seis anos de idade estava sentada no alpendre da casa da família, debaixo de um toldo. Segurava um recipiente plástico de mel, com a forma de um urso. Do topo da cabeça escorria líquido dourado para o piso de pinho releis.

A menina despejava o mel para os nós fundos da madeira e observava o modo revolteante como o líquido assumia os contornos da sua nova residência. É esta a sua memória mais antiga, o momento em que ela começa.

E é deste modo, nestes momentos em que a amargura se desvanece, que opto por me recordar dela. Uma criança.

Gostava de a ter conhecido na altura, nos anos em que ainda era pura.

— Sara Chestnut, o que achas que estás a fazer? — disse a mãe da menina, atrás dela, junto à porta do contentor onde os Chestnuts haviam estabelecido o seu lar. — O que te disse sobre desperdiçar o que não é teu?

— Desculpa, Mamã.

— Trabalhaste para comprar esse mel, mmm? Não, quer-me parecer que não. Vai chamar a tua irmã e toca a ir tomar o pequeno-almoço antes que o teu pai se vá embora.

— OK, Mamã — disse a menina, devolvendo o recipiente já meio vazio. Passou pela mãe, que lhe sacudiu terra da parte de trás do vestido.

O seu nome era Sara T. Chestnut, mas ela apelidava-se de Sarat. Este epíteto nascera de um equívoco na escola no início desse ano. A nova professora de jardim-infantil lera acidentalmente a inicial do nome do meio como sendo a última letra do nome próprio — *Sarat*. Aos ouvidos da menina, esse novo nome tinha uma certa garra. Sara terminava com uma exalação impotente, um *aaa* que se desvanecia no ar. *Sarat* fechava-se com força, como uma armadilha para ursos. Meses depois, a escola foi encerrada, com a maioria dos professores e dos alunos a ser obrigada pela guerra a seguir para norte. Mas o nome ficou.

*Sarat.*

OS CHESTNUTS VIVIAM A trinta metros da margem ocidental do rio, num contentor de aço retirado de um estaleiro próximo. Cunhas de chapa de aço ancoradas em blocos de cimento debaixo do chão mantinham a casa no sítio. Nos cantos, a ferrugem castanha ia avançando lentamente, incubada pela humidade contínua.

Uma treliça de painéis solares antiquados forrava todo o telhado, salvo um dos cantos, ocupado por um tanque para a água da chuva. Junto dos painéis encontrava-se um oleado. Quando se aproximavam trovoadas, o oleado era esticado sobre o telhado, atando-se cordas aos cantos que depois eram enlaçadas em ganchos. Ao orientar a chuva dos painéis para o tanque e, quando este transbordava, para o solo e para o rio mais abaixo, a família obtinha água potável e protegia a casa da ferrugem e de outros estragos.

Por vezes, durante as trovoadas de inverno, a família abrigava-se no alpendre, onde o toldo pendia e deixava passar água, mas, ao mesmo tempo, protegia-os da acústica insuportável do contentor quando fustigado pela chuva intensa, que lembrava um tambor de calipso.

No verão, quando a casa parecia um alto-forno siderúrgico, passavam o grosso do tempo ao ar livre. Era durante esta estação prolongada, que se arrastava desde março até meados de dezembro, que Sarat, a gémea Dana, e o irmão mais velho, Simon, saboreavam as mais puras alegrias da infância. Sob o olhar distante dos pais, os pequenos enchiam baldes com água

do rio e usavam-na para ensopar a margem de argila até esta se tornar um escorrega. Passavam tardes e serões inteiros assim: os miúdos a deslizarem pela terra escorregadia até ao rio e a treparem de volta com a ajuda de uma corda com nós; a guincharem de prazer durante a descida, os traseiros a deixarem sulcos fundos no barro.

Numa capoeira atrás da casa, a família criava galinhas emaciadas. Barulhentas e nervosas, as penas eram sujas e castanhas. Quando eram alimentadas e o tempo não estava demasiado quente, produziam ovos. Nas outras alturas, se estivessem à beira da revolta ou da morte, eram abatidas por prevenção, com o pescoço preso entre pregos num toco de árvore próximo.

O contentor estava segmentado com tábuas na vertical. Benjamin e Martina Chestnut ocupavam os fundos da casa. Simon, de nove anos, e as gémeas de seis partilhavam o terço central, vivendo numa paz cada vez mais instável.

No derradeiro terço da casa havia uma pequena mesa de cozinha de contraplacado cor de areia, manchado e sulcado por anos de uso intenso. Junto à mesa, um armário de pinho continha batatas-doces, arroz, pacotes de batata frita e cereais açucarados, nozes-pecãs, farinha e grãos de cereal dos campos de sorgo que separavam os Chestnuts do vizinho mais próximo. No frigorífico compacto que sobrecarregava os painéis solares, a família guardava leite, manteiga e latas de Coca-Cola antiga.

Junto à porta velava uma estátua dos dias de infância de Benjamin. Era a Virgem de Guadalupe, feita de cerâmica, as mãos juntas, a cabeça pensa em oração. A seus pés jazia um ramo de malmequeres-amarelos e de boleiras-brancas, a par de uma vela derretida de aroma a magnólia. Quando as flores morriam e endureciam, as crianças ficavam encarregues de procurar mais nos campos.

Sarat passou pela estátua, à procura da irmã, que encontrou ao fundo da casa, de pé na cama dos pais, observando, com uma concentração profunda, o seu reflexo no espelho oval. Pegara num dos vestidos simples da mãe, uma túnica sem mangas cuja cor violeta se mantinha, pesasse embora as inúmeras lavagens. A menina envergava a metade superior do vestido, que lhe cobria totalmente o corpo; a outra parte da roupa pendia da cama até ao chão. Aplicara, com demasiada generosidade, o batom vermelho-cereja da mãe — a joia da coroa do simples conjunto de maquilhagem que a mãe tinha, mas raramente usava. Apesar de ter empregado a maior das delicadezas, Dana fora incapaz de se manter dentro dos limites dos pequenos



lábios rosados, parecendo agora que devorara à pressa uma fatia de tarte de morango.

— Anda brincar comigo — pediu Sarat, confusa com o que a gémea estava a fazer.

Irritada, Dana virou-se para a irmã.

— Estou ocupada — escusou-se.

— Mas eu estou aborrecida.

— Estou a ser uma senhora!

Dana devolveu a atenção ao espelho, tentando limpar algum do batom com as costas da mão.

— A Mamã diz que temos de ir já tomar o pequeno-almoço com o Papá.

— OK, oh-*kay* — exclamou Dana. — Não há um momento de paz nesta casa — acrescentou, citando erradamente algo que ouvia a mãe dizer por vezes.

Sarat fora a segunda a nascer, cinco minutos e meio depois da irmã. E embora os pais lhe dissessem que ela e Dana eram da mesma carne, Dana era a menina do pai, dócil e de sorriso sincero. Sarat fora feita a partir da mãe: obstinada, dura e destemida. Eram gémeas, mas não eram iguais. Sarat ouvira amiúde a mãe usar o termo maria-rapaz para a descrever. Deus deu-me duas filhas ao mesmo tempo, mas só uma é suficientemente menina.

APÓS A SAÍDA DE Dana, Sarat deixou-se ficar no quarto dos pais mais alguns minutos. Confusa, observou a coisa que a irmã espalhara pelos lábios. Ao contrário do rio, da mata, dos animais e dos pássaros do mundo natural, o batom não a cativava; não oferecia qualquer promessa de aventura. Via-o meramente como um adereço na crescente obsessão da irmã gémea com a idade adulta. Sarat não compreendia o motivo por que Dana queria entrar com tal ansiedade para as alas dos crescidos.

Dana saiu da casa ainda com as roupas da mãe.

— O que é que eu te disse sobre andares a mexer nas minhas coisas? — admoestou-a Martina.

— Desculpa, Mamã.

— As desculpas não se pedem, evitam-se — e levanta o vestido, que está a arrastar pela terra. — Martina despiu o vestido à filha. — Mando a tua irmã chamar-te e tu apareces-me nesse estado. E ela agora deve estar a fazer o mesmo.

— Ela não sabe pôr maquilhagem — comentou Dana. — Ela é feia.

Martina ajoelhou-se e agarrou na filha pelos ombros.

— Nunca digas isso, estás a ouvir? Nunca lhe chames feia, nem digas mal dela. Ela é tua irmã. É uma menina linda.

Dana baixou a cabeça e fez beicinho. Martina segurou-lhe o queixo e voltou a erguer-lhe a cabeça.

— Ouve o que te digo — ordenou-lhe. — Vais lá dentro e vais dizer-lhe. Vais dizer-lhe que ela é uma menina linda.

Dana regressou, tempestuosa, ao interior da casa. Encontrou a irmã a devolver o batom da mãe à caixa da maquilhagem.

— És uma menina linda — proferiu Dana, saindo a correr do quarto.

Sarat ficou estupefacta por alguns instantes. Era ainda uma criança, e não compreendia qual poderia ser o objetivo de uma mentira. Não era capaz de apreender porque alguém diria uma coisa em que não acreditasse. Sorriu.

LÁ FORA, MARTINA FAZIA O pequeno-almoço num pesado fogão a lenha. Nos pratos e nas malgas havia biscoitos secos, cereais à base de sorgo, ovos estrelados e bacon falso frito na sua própria gordura.

Os trinta e nove anos de idade de Martina revelavam-se nas faces descaídas e nas olheiras — mais do que no rosto do marido, mesmo sendo este cinco anos mais velho e tendo os dois passado juntos metade das respetivas vidas. Tinha uma cintura larga, embora não fosse obesa, com uma capacidade rural orgânica que lhe permitia, sempre que necessário, erguer cargas pesadas e caminhar longas distâncias. Ao contrário do marido, que em criança entrara no país às escondidas, vindo do México, numa altura em que o fluxo de migração ainda se dirigia a norte, ela não era imigrante. Nascera onde vivia.

— Está na mesa! — bradou Martina, limpando o suor da testa com um pano roto. — Toca a despachar. Não volto a chamar.

Benjamin surgiu das traseiras da casa, escanhoado e saído do duche na casinha externa da família.

— Despacha-te a comer antes que ele chegue — apressou-o Martina.

— Calma, está tudo bem — retorquiu-lhe o marido. — Ele já alguma vez chegou a horas?

— Onde está a tua gravata boa?

— Isto não é uma entrevista de emprego, é só uma licença de trabalho.

Vou só a uma repartição do governo; é quase a mesma coisa que ir aos correios.

— Quando foi a última vez que houve pessoas a matarem-se por coisas dos correios?

Benjamin sentou-se à mesa no pátio. Era um homem magro, de rosto esguio, com as sobrancelhas quase unidas a servirem de base a uma testa lisa e larga, ainda maior pelas grandes entradas nas fronteiras. Estava sempre barbeado, salvo por um bigode preto fino que a esposa receava pudesse dar-lhe um aspeto indecente.

Beijou a testa de Sarat e ao ver a outra filha, de rosto manchado de vermelho, também a beijou.

— As tuas filhas voltaram a fazer das delas — comentou Martina. — Não ganham modos, não fazem o que lhes dizem.

Benjamin abanou a cabeça a Dana com uma expressão de censura simulada, após o que se chegou ao ouvido da filha.

— Acho que te fica bem — murmurou.

— Obrigado, Papá — respondeu Dana.

A família instalou-se à mesa. Martina chamou Simon, que não demorou a aparecer, trazendo consigo a metade inferior acabada de cortar da escada de dez degraus da família.

— Foi o Pai que me pediu — apressou-se o menino de oito anos a justificar ao ver o ar na expressão da mãe.

Martina olhou para o marido, que atacou alegremente o bacon e o café amargo, um pó execrável obtido nas rações de combate e que se destinava a manter os soldados acordados.

— Não olhes assim para mim. O Smith precisa de uma escada — adiantou Benjamin. — Tem de trocar as telhas; as outras apodreceram.

— E por isso vais dar-lhe metade da nossa?

— Como é ele quem conhece o funcionário das licenças, não me parece mau negócio. Se não fosse por ele, mais valia tentarmos atravessar a fronteira aos tiros.

— Ele tem dinheiro que chegue para comprar um milhão de escadas — queixou-se Martina. — Pensava que tinhas dito que nos ia fazer um favor.

Benjamin soltou uma risada abafada.

— Uma licença de trabalho no norte em troca de meia escada continua a ser um favor.

Martina despejou o resto do seu café na terra.

— Não são só os Smiths que têm de reparar o telhado — recordou ela. — Nós também temos.

— Não precisamos de mais de cinco degraus — afirmou Benjamin —, sobretudo agora que o nosso filho já é suficientemente alto e forte para lá ir sozinho.

Simon concordou efusivamente, prometendo à mãe que, à semelhança do pai, subiria regularmente para deitar cloro no tanque e para limpar os excrementos dos pássaros dos painéis solares.

A família continuou a refeição. Benjamin, desde sempre magro como um espeto, sorveu o bacon e os ovos com um apetite descarado. O filho mirava-o, absorvendo os pormenores do ritual do pai e criando um manual pessoal sobre o que era ser homem. O menino não demorou a limpar o prato.

As gémeas bebericaram sumo de laranja em copos de plástico e debicaram os biscoitos até que a mãe lhes suavizou o pão com uma noz de manteiga e doce de alperce, após o que todos comeram em silêncio, cada um mergulhado nos seus pensamentos.

Martina observou o marido, os olhos fitos e silenciosos, um olhar que os filhos tomavam como sendo severidade, mas que o marido sabia não passar daquilo que ela era.

Por fim, Martina acabou por dizer: — Não lhes digas nada sobre o trabalho para os Sulistas Livres.

— Isso não é segredo para ninguém — retorquiu Benjamin. — Eles sabem muito bem que todos os homens da região já trabalharam para os Sulistas Livres. Mas não quer dizer que tenha pegado em armas por eles.

— Mas não tens de o dizer. Se o disseres, eles têm de o assinalar no formulário, e depois levam-te para uma sala e fazem-te um sem fim de outras perguntas. E depois acabam por não te conceder a licença por motivos de segurança, ou lá o que o quiserem chamar. Diz só que trabalhas na fábrica de camisas. O que não é mentira nenhuma.

— Não te preocupes tanto — disse-lhe Benjamin, recostando-se na cadeira e tirando um pedaço desgarrado de carne de entre os dentes. — Eles atribuem-nos a licença. O Norte precisa de trabalhadores, e nós precisamos de trabalho.

— Porque é que temos de ir para o Norte? — interveio Simon. — Não conhecemos lá ninguém.

— Eles têm trabalho — respondeu a mãe. — Eles têm escolas. Vocês estão sempre a queixar-se de que não têm brinquedos suficientes e amigos suficientes, que nada do que têm é suficiente. Pois lá vão ter muito.

— O Connor diz que quem vai para o Norte são os traidores. Que deviam ser enforcados.

Sarat ouvia a conversa com toda a atenção, armazenando a bizarra nova palavra na mente. *Traidores*. Soava exótica. Como se fosse uma tribo estrangeira.

— Não te quero a falar assim — admoestou-o Martina. — Vais dar ouvidos à tua mãe ou a um miúdo de dez anos?

Simon olhou para o prato e resmungou: — Foi o pai do Connor que lhe disse.

Acabaram de comer e retiraram-se para o alpendre. Martina sentou-se nos degraus e serviu-se de um trapo molhado para limpar o batom do rosto da filha, com esta sempre a contorcer-se e a lamuriar-se. Simon alisou os extremos da meia escada com lixa, empregando o peso na tarefa, até que o pai lhe disse que não precisava de a deixar assim tão perfeita.

Sarat regressou ao local da experiência matutina, tocando no mel solidificado nos nós da madeira, maravilhada com a viscosidade do líquido ambarino. Fascinava-a que o líquido assumisse tão prontamente a forma do recipiente. Estalou a crosta com o mindinho e provou uma gota. Esperava que o mel soubesse a madeira, mas o sabor original não se perdera.

Benjamin sentou-se numa cadeira de nogueira, com a verga das costas puída e a soltar-se. Olhou para o rio castanho e morto e aguardou pela chegada do patrono.

— Já sabes o que lhes vais dizer, lá no sítio da licença? — perguntou-lhe Martina. — Já pensaste nisso?

— Vou responder ao que me perguntarem.

— Tens os teus papéis prontos?

— Tenho os meus papéis prontos.

Martina abanou a cabeça e ficou à espreita de sinais de um barco que se aproximasse.

— Se calhar nem há licenças — comentou. — Se calhar vão fazer o que fazem sempre e rejeitam-nos. É assim que eles são, não querem saber de ninguém a sul do Mag. É como se não fôssemos humanos, nem sequer animais, é como se fôssemos uma coisa diferente. Eles vão rejeitar-te, eu sei que vão.

Benjamin encolheu os ombros.

— Mas afinal, queres que eu vá ou não?

— Sabes bem que sim.

Quando acabou de limpar o batom, Martina começou a entrançar o cabelo de Dana, as madeixas lisas de um negro intenso, ao contrário do

de Sarat, que, embora da mesma cor, era revoltoso e tendia a frisar-se com a humidade.

— Sabem o que é que o Norte tem de melhor? — indagou.

— O quê? — quis saber Sarat.

— Bem, sabes como te custa aguentar o calor à noite, e acordas com os lençóis ensopados em suor?

— Não gosto nada disso — asseverou Dana.

— Bem, quando chegamos ao Norte, nunca fica assim tanto calor. E no inverno, se formos mesmo para norte, eles nem sequer têm chuva — têm bolinhas de gelo que caem do céu, e o chão fica cheio delas, tantas que nem se veem as estradas, e os rios ficam tão frios que se transformam em pedra sólida e podemos andar em cima deles.

— Isso é uma tolice — comentou Dana. Para ela, tudo aquilo não passava de novos contos de fadas dos pais, com os rios solidificados e o gelo a cair do céu a equipararem-se aos peixes com bigodes que o pai dizia que em tempos nadavam em grandes cardumes no Mississípi morto, quando este ainda era um rio, ou aos lagartos antigos, enterrados nos desertos a oeste, cujos restos, a dada altura, forneciam energia ao mundo. Dana não acreditava em nada disso.

Mas Sarat sim. Sarat acreditava em tudo.

— É verdade — garantiu Martina. — Fresco no verão, fresco no inverno. Chamam-lhe *temperado*. E seguro. Há meninos a brincar na rua até tarde; fazem amigos assim que lá chegarem.

Simon abanou a cabeça em silêncio. Sabia que, mesmo estando a falar para as gémeas, a mãe dirigia-se a ele. Falava diretamente com toda a gente, sem quaisquer sentimentalismos ou eufemismos. Todavia, ao único filho, cujo funcionamento mental ela receava nunca vir a ser capaz de decifrar, transmitia mensagens, através de intermediários, num código débil e óbvio. Simon detestava tal coisa. Porque não seria ela como o pai? interrogava-se o menino. Porque não se limitava a dizer o que lhe ia na alma?

A MEIO DA MANHÃ, a boleia de Benjamin ainda não aparecera. Martina não demorou a acreditar que o marido fora esquecido. Ou talvez o conhecido de Benjamin tivesse finalmente sido apanhado no seu barco a combustível fóssil e sido detido. Era verdade que os estados em torno dos Vermelhos rebeldes — um casulo formado pelo Luisiana, pelo Arcansas, pelo Tennessee e pela Carolina do Norte — apoiavam fervorosamente a causa do Estado

Livre do Sul. E embora os residentes desses estados precisassem de licença para se mudarem para o verdadeiro coração do país Azul, a norte, os estados em si eram membros de pleno direito da União, pelo que alguém que usasse combustível fóssil nessas paragens seria tido como um criminoso.

Martina pensou em como seria tão mais simples se esses estados pudessem separar-se da União, formando as suas próprias nações em miniatura com base nas fronteiras da região, no credo, na raça ou na ideologia. Todos sabiam que sempre houvera fissuras: a noroeste ouvia-se a ameaça constante de que a orgulhosa e pacifista Cascadia iria declarar a sua independência; a sul de Cascadia, grande parte da Califórnia, do Nevada, do Arizona e do Texas ocidental estava já sob o controlo informal das forças mexicanas, com o mapa desse canto do continente a regressar lentamente àquilo que fora centenas de anos antes. No Midwest, os nativistas da velha guarda nutriam uma animosidade mal contida contra os milhões de refugiados costeiros que se haviam dirigido ao centro do país, fugindo da subida do nível do mar e das tempestades furiosas. E ali, no Sul, toda uma região decidira voltar a travar uma guerra para se separar da União, ao invés de acabarem com o uso do combustível ilícito que fora o culpado do grosso dos infortúnios do país.

Às vezes, parecia a Martina que nunca houvera, de todo, uma União, que há muito, uma qualquer parte desinteressada ou oportunista riscara linhas num mapa onde, até então, não as havia, criando, com isso, um país único a partir de muitos países diferentes. Seria assim tão mau se o governo federal de Columbus deixasse de desperdiçar dinheiro e sangue tentando manter unido o continente fragmentado, interrogava-se ela? Os Sulistas que ficassem com o seu combustível ultrapassado, pensou, até retirarem a última gota do solo fustigado.

Martina observava o rio e esperava pela chegada da embarcação. Viu Sarat junto à água, a inspecionar um camaroeiro que dera à costa meses antes; os miúdos haviam-no transformado numa armadilha improvisada para detritos fluviais. A rede recolhera um sem fim de tesouros bizarros: uma cruz de ferro, um apoio para o pescoço de uma cadeira de barbeiro, uma fotografia plastificada de uma colónia de leprosos há muito encerrada, um pequeno aviso que dizia, «Favor Não Blasfemar Na Cantina».

Sarat inspecionava as páginas coladas de um livro ensopado que fora apanhado pela rede. Chamava-se *A Terra em Mudança*. A capa mostrava a imagem uma enorme montanha azul de gelo flutuante. A menina folheou cuidadosamente as páginas, descolando-as umas das outras. O livro estava

cheio de mapas do mundo, tanto novos como velhos. Os mapas mais recentes eram parecidos com os antigos, mas com as bordas da terra recortadas — ilhas desaparecidas, linhas costeiras recuadas nos respectivos continentes. Nos mapas antigos, a América parecia maior.

Viu a sombra do irmão Simon, de pé atrás dela.

— O que é isso? — perguntou ele, atirando a mão ao livro.

— Nada que te interesse — replicou Sarat. — Fui eu que encontrei. — Afastou o livro do alcance do irmão e pôs-se de pé, disposta a lutar pelo objeto, caso necessário.

— Não me interessa — disse Simon. — Nem sequer o quero, é só um livro parvo. — Mas Sarat via-o a mirar a página aberta. — Por acaso sabes o que é? — indagou.

— São mapas — respondeu Sarat. — Sei o que são mapas.

Simon apontou para um canto da página, onde o azul da água parecia assoberbar pequenos farrapos de terra no extremo sul do continente.

— Somos nós, estúpida — exclamou ele. — É onde moramos.

Sarat olhou para o ponto no mapa para onde Simon apontava. Parecia algo completamente abstrato, de todo remanescente da sua casa.

— Vês essa água toda? — indicou Simon. — Costumava ser terra, mas agora desapareceu. — Apontou na direção da casa deles. — E um dia, isto tudo também vai ser água. Se não nos quisermos afogar vamos ter de sair daqui.

Sarat apercebeu-se do leve esboço de sorriso nos lábios do irmão e percebeu desde logo que ele estava a tentar assustá-la. Interrogou-se quanto ao motivo por que o irmão parecia obcecado com tais truques, porque lhe tentava dizer coisas que a levassem a reagir de modo receoso ou estouvado. Ele era três anos mais velho e era rapaz — uma espécie totalmente diferente. Não obstante, Sarat sentia uma espécie de insegurança no irmão, como se tentar assustá-la não fosse uma forma cruel de passar o tempo, mas sim um meio essencial de provar algo a si próprio. Sarat interrogava-se se os rapazes seriam todos assim, com a maldade a não passar de autodefesa.

Ademais, ela sabia que o irmão era um mentiroso. A água nunca engoliria a casa deles. Talvez o resto do Luisiana, talvez o resto do mundo, mas nunca a casa *deles*. A casa deles permaneceria em terra seca, pois sempre fora assim.

ALDER SMITH, O CONHECIDO de Benjamin, chegou ao final da manhã. Estava quatro horas atrasado. O esquife de pesca de contraplacado ondulara suavemente ao cortar as águas, com o motor fora de borda a gorgolejar e



a vomitar gases. Era uma coisa arcaica, mas, não obstante, era mais rápido e manobrável do que os Sea-Toks, cujos frágeis motores solares mal conseguiam vencer a corrente.

Ter um veículo que funcionava com combustível proibido transmitia uma certa mensagem; indicava não só riqueza acumulada, mas também conhecimentos, estatuto.

— B'dia — cumprimentou Smith, levando o barco até à base do cais dos Chestnuts e prendendo o laço de uma corda de nylon ao poste. Era alto, tal como Benjamin, mas com ombros mais largos e uma farta cabeleira castanha, acobreada pelo tempo passado ao sol. Antes da guerra, o pai era dono de uma dúzia de concessionários de automóveis a combustível fóssil entre Nova Orleães e Baton Rouge. Esses negócios haviam desaparecido há muito, mas a riqueza por eles gerada ainda durava, com Smith a ter uma vida confortável do outro lado do rio. Era conhecido como facilitador pelas famílias que ainda pontilhavam o sul alagado do Luisiana e do Mississípi, um homem com muitos amigos. Conhecia elementos do governo do Estado Livre do Sul em Atlanta e os contrabandistas que geriam os túneis entre a linha Mississípi-Arcansas; conhecia cónsules nas representações federais que se encontravam nas zonas tanto controladas como inóspitas do Sul alinhado com a União. Gabava-se até de conhecer os braços direitos de senadores e congressistas na capital federal em Columbus.

— B'dia — respondeu Martina. — Sobe, ainda temos sanduíches, e café.

— Pois, muito agradecido, mas já estamos atrasados. Anda, Ben. Os Azuis não gostam de esperar.

Benjamin despediu-se da esposa e dos filhos, e entrou para beijar os pés da Virgem de cerâmica. Desceu com cuidado até ao rio, de modo a não escorregar no barro e sujar as calças boas. Levou com ele a velha pasta de pele e a meia escada. A esposa acompanhou-o com o olhar.

— Atraquem a sul e sigam a pé até à cidade — recomendou aos homens. — Não deixem que os homens do governo vejam o barco.

Smith riu-se e ligou o motor.

— Não te preocupes — respondeu ele. — Para a semana estão a meio caminho de Chicago.

— Portem-se bem — disse Martina. — Quero dizer, tenham cuidado.

Os homens empurraram o esquife para o libertar da lama e apontaram a proa na direção de Baton Rouge. O barco avançou a roncar para o centro do grande rio castanho, com duas espinhas de água a erguerem-se e a alargarem-se na sua esteira.

*Excerto de:*  
**DIRETRIZES DO CURRÍCULO FEDERAL**  
**— HISTÓRIA, MÓDULO OITO:**  
**A SEGUNDA GUERRA CIVIL**

**RESUMO DO MÓDULO**

A Segunda Guerra Civil Americana decorreu entre 2074 e 2095. A guerra foi travada entre a União e os estados secessionistas do Mississípi, do Alabama, da Geórgia e da Carolina do Sul (a par do Texas, antes da anexação mexicana). A principal causa da guerra foi a oposição do Sul à Lei do Futuro Sustentável, um decreto que proibia o uso de combustíveis fósseis em todo o território dos Estados Unidos. Essa lei, promovida pelo presidente Daniel Ki, surgiu, em parte, como resposta a décadas de efeitos climáticos adversos, à redução da importância económica dos combustíveis fósseis, e ao descarrilamento mortífero de um comboio petrolífero em Williston, Dakota do Norte, em 2069.

Entre os principais acontecimentos que precipitaram a guerra contam-se o assassinato do presidente Ki pela bombista suicida secessionista Julia Templestowe em Jackson, Mississípi, em dezembro de 2073, e a morte de manifestantes sulistas durante um tiroteio junto à base militar de Fort Jackson, Carolina do Sul, em março de 2074.

Os estados secessionistas (unificados sob a égide do «Estado Livre do Sul») declararam a sua independência a 1 de outubro de 2074, data amígdida como início formal da guerra. Após uma série de vitórias militares decisivas da União — sobretudo no Texas Oriental e ao longo das fronteiras setentrionais do Mississípi, do Alabama e da Geórgia («O Mag») —, os combates abrandaram. Todavia, vários grupos rebeldes continuaram a prática de violência de guerrilha por mais meia década, auxiliados, em parte, por agentes estrangeiros e por sabotadores antiamericanos. Depois de um processo de negociações arrastado que desembocaria em resultados, em grande medida, a favor da União, a guerra deveria ser concluída formalmente com a Cerimónia do Dia da Reunificação, na capital federal de Columbus, Ohio, a 3

de julho de 2095. Nesse dia, um elemento terrorista secessionista cruzou a fronteira para o território nortista e libertou um agente biológico («O Flagelo da Reunificação») que provocou uma epidemia nacional. Os efeitos da praga, que terá ceifado cerca de 110 milhões de vidas, fizeram-se sentir em grande parte do país durante os dez anos seguintes. A identidade do terrorista responsável continua por apurar.